

GARIMPOS NA REGIÃO DE JACOBINA — ESTADO DA BAIÁ

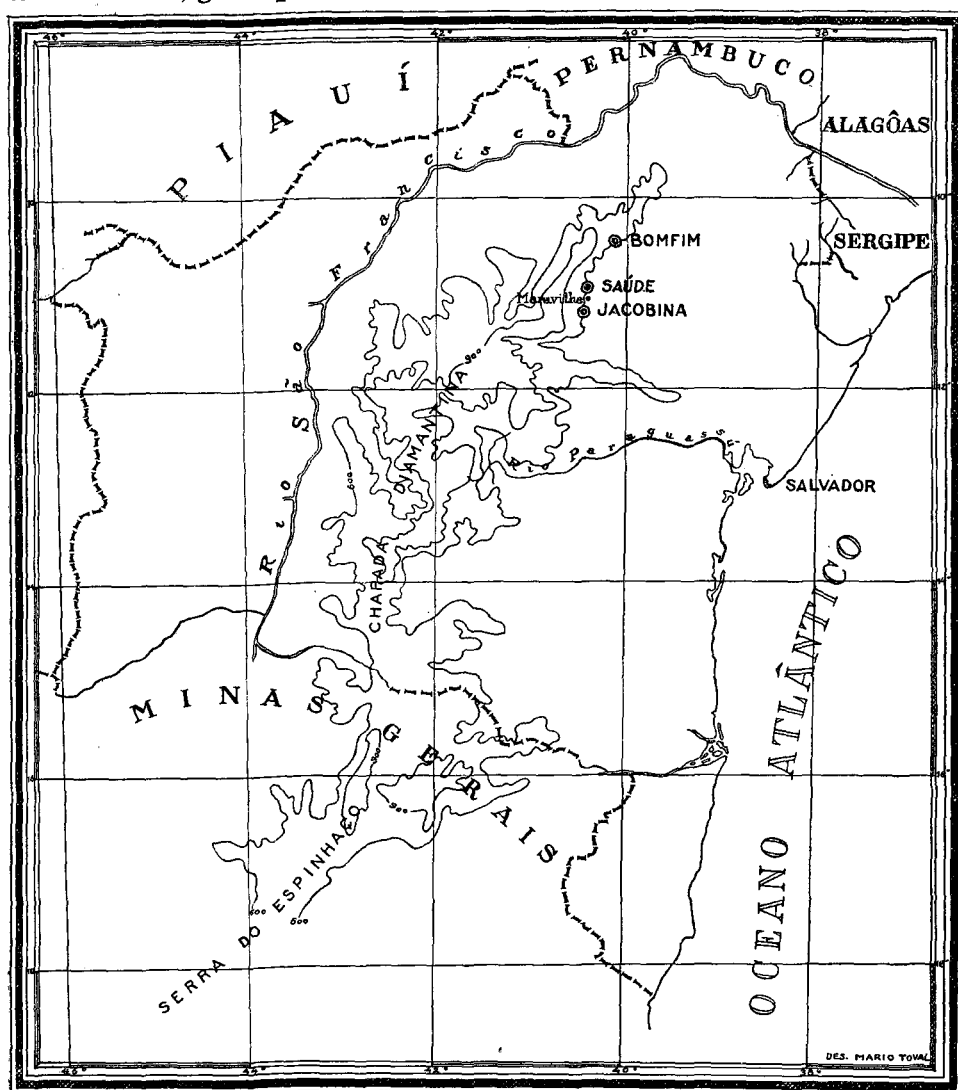
Pelo Eng.^o Henrique Cáper Alves de Sousa
Do Dep. Nac. da Produção Mineral¹

Entre duas serras de escarpas talhadas a pique, numa ampla praça de terra batida, alinham-se em quadra as fachadas das casas de pau a pique.

De um lado, sôbre a alvura de três frentes caiadas, as únicas de todo o povoado, lêem-se dísticos como estes: “Ponto Ideal de Paulino Fernandes”, “Casa de Pichulino”.

Estamos em plena Maravilha, arraial de garimpeiros no município de Saúde, a 530 km da cidade do Salvador.

Este povoado perdido na serra de Jacobina, é o centro de uma rica zona aurífera, garimpo refugiado nas hospitaleiras dobras de uma imen-



¹ Publicado com autorização do Diretor da Divisão de Fomento Mineral.

sa serra, talhada em rocha viva, desafiando com os reflexos brancos das suas escarpas, a planura da caatinga que o circunda.

A serra do Espinhaço, centro estrutural de uma extensa área do nosso território, que do interior de Minas Gerais se prolonga pela Baía com o nome de Chapada Diamantina, indo terminar antes da grande curva do São Francisco, vem aqui lançar uma ramificação do sul de Jacobina ao norte de Bonfim, quebrando a monotonia da paisagem baiana.

Nas suas faldas vem morrer a caatinga; aí também se dá a passagem brusca das rochas arqueanas para os xistos e quartzitos da série de Minas.

O povoado O povoado de Maravilha é dividido em dois, como frequentemente acontece nesta região baiana.

O primeiro nasceu com os primeiros trabalhos, cosido à própria escarpa da serra, acompanhando as sinuosidades dos pequenos filões de ouro, pendurado sôbre o vale. É Maravilha de Cima.

Maravilha de Baixo espalha-se no vale, duzentos metros abaixo, no sopé do morro. Surgiu com o desenvolvimento da mineração e o afluxo dos garimpeiros. As suas construções, guiadas por um maior sentido de estética e de alinhamento, são de um só estilo: casas de uma porta e janela, os outões sem abertura, telhados de palha de duas águas.

Na parte alta do povoado, fervilha uma vida intensa de trabalho, a semana inteira. À noite, a irrequieta alegria dos tocadores de violão, que se ajuntam em barracas sórdidas e que transudam cheiro de cachaca. Aos domingos, o povo vem à feira, na praça principal.

Aglomeram-se homens e mulheres que discutem muito e compram pouco; jumentos carregando mantimentos em caixas retangulares de couro cru, amarradas às cangalhas; vendedores de doces e bugigangas em mesas expostas ao sol; carne de vento pendurada em varas apoiadas em altas forquilhas fincadas no chão de terra.

Chega o Bio, do garimpo de "Figuras", para discutir projetos de novos serviços noutro garimpo distante. Chega outro que prefere a



Encostados ao garimpo, reúnem-se os trabalhadores na praça de Maravilha.
(Foto Cáper de Sousa)



Fazendeiros, comerciantes e garimpeiros, compram, em Maravilha, doces trazidos para a feira de domingo.
(Foto Cáper de Sousa)

“Guela da Ema” que dá melhor ouro e propõe sociedade “a meias com o compadre e mais o comprador de ouro, que é rico e pode correr com a despesa”. Veem garotos es-canchados em minúsculos jumentos, com latas de leite para vender, dos “criatórios” de baixo da serra. Surge a novidade de terem aparecido diamantes próximo das cabeceiras do Paiaia, e logo se forma um ajuntamento para apreciar o pequeno octaedro de dois quilates e a “cabeça de frade” que passam de um cartucho de pó para a palma da mão. Por tôdas estas razões conversa-se, discute-se e finalmente tudo se acaba no barracão do JOSÉ DIAS ou no do vizinho da frente, que tem melhor cachaça, num gole de cana.



Assim como o ping-pong, miniatura do tenis, um novo jogo, miniatura do bilhar.

(Foto Cáper de Sousa)

Existem ainda alguns bilhares no centro de barracas mal iluminadas onde os peritos disputam a partida de *snooker* ou bilhar francês, empunhando desajeitadamente os tacos, enquanto os espectadores se comprimem e assistem religiosa e silenciosamente às carambolas, sentados em bancos compridos que vergam ao pêso dos torcedores. Mas há também um minúsculo bilhar de dois palmos de comprimento, armado sôbre um caixote e com bolas de gude para o treino dos futuros campeões.

A serra A serra de Jacobina, na maior parte de sua extensão ao norte desta cidade, compõe-se do ponto de vista geológico de quatro unidades distintas, orientadas, no centro da serra, cêrca de 10° NE (magnético). Duas dessas unidades, as mais importantes porque desenham a sua forma, são quartzitos brancos, de mergulho quase vertical; as outras duas são complexos xistosos moles, concordantes em direção e mergulho.

Essas formações são muito espessas. A primeira, de oeste para leste, é um grupo exclusivamente constituído de quartzitos brancos e de leitos de conglomeratos, com mais de 2,5 km de possança, formando um cordão largo e extenso de serras paralelas e acidentadas, de altitudes excedendo 900 metros. A terceira é ainda uma formação quartzítica de espessura não excedendo 500 a 700 metros, com o mesmo caráter aci-

dentado. Entre ambos os grupos que formam a espinha dorsal da serra e seu núcleo de resistência, temos xistos moles que constituem depressão, numa faixa de perto de 2 km de largura e se desdobram em morros de suaves ondulações. Também, orlando a serra pelo lado leste, repetem-se os xistos que formam a sua aba e vão morrer em suave depressão na planície arqueana.

Passando dos quartzitos para os filitos, a erosão, escavando a rocha mole, deixou a descoberto o paredão resistente.

Maravilha fica na aba dêste paredão, como também Lajedo, Jaqueira e outros garimpos. E assim, quem de Maravilha olhar para norte ou para sul, acompanha o perfil a prumo desta aresta viva e branca que parece cortada a faca.



Na falda oeste da serra, a norte e ao sul de Jacobina, estendem-se, a perder de vista, as manchas brancas dos desmontes dos garimpeiros.

(Foto Cáper de Sousa)

Na sua base, deitados e penetrando no morro, cortando os quartzitos verticais, dois filões estreitos estão sendo trabalhados. As escavações acompanhando o traço horizontal dêsses filões ao longo do paredão, assinalam a sua posição com a orla de entulho lançada morro abaixo, que vem franjeá-lo de areia branca.

Acompanham-no os trabalhos dos garimpeiros, até pequena profundidade, rastejando em “grunas” onde se passa de cabeça baixa ou deitado sob um teto mal firmado por “damas” irregulares e “fogueiras” que ameaçam ruir. Nelas poreja água que se acumula no fundo, onde filõeinhos de um ou dois palmos são abandonados a menos de vinte metros de profundidade vertical.

As figuras Próximo de Maravilha, cerca de légua e meia para sul, em plenos quartzitos da faixa oeste da serra, alinham-se norte-sul três serras paralelas, talhadas na mesma rocha, de um perfeito paralelismo. Cruzeiros de madeira assinalam os vértices pontudos dos morros.

A natureza friável da rocha arenosa permitiu que a



Maravilha — Ao longo da encosta, garimpa-se o ouro. A areia branca franjeia a escarpa. À direita, Maravilha de Cima.

(Foto Cáper de Sousa)

erosão desenhasse formas indefiníveis que parecem figuras humanas ou criações de fantasia. Nesta paisagem árida e de estranha beleza, ergue-se, no pico mais elevado, uma modesta igreja em ruínas, testemunho de um passado secular.

Na sua vizinhança imediata vivem e trabalham algumas centenas de garimpeiros, espalhados pela serra à cata do ouro, mas a atividade humana não consegue desfazer a impressão de isolamento dêste horizonte sem fim, povoado pelas formas áridas de dezenas de morros que vão perder-se além de Jacobina, enfileirados por seis léguas até às cabeceiras do Itapicurú-Mirim, salpicados de manchas e traços alvejantes que assinalam ao longe entulhos de garimpos a meia encosta.



Figuras. Efeitos da erosão sobre as rochas da serra da Jacobina.

(Foto Cáper de Sousa)

O t r a b a l h o Temos, no Brasil, inúmeras zonas de garimpos onde, graças à alta do ouro e à atual política de liberdade dada ao garimpo, milhares de homens se dedicam à extração do ouro por métodos rotineiros e simples, frequentemente os únicos capazes de pagar uma lavra que não comportaria maiores inversões de capital.

Assim em Minas, onde uma boa parte da população pobre se dedica, há alguns séculos, à faiscação dos aluviões dos leitos dos rios, recolhendo as faíscas de ouro sobre panos ou couros crus. Mas é principalmente onde escasseiam recursos ou densidade de população que o trabalho assume o caráter de atividade quase exclusiva de uma população sempre flutuante e aventureira. É o caso do Maranhão, do Pará onde pululam, perdidos na mata virgem, milhares de faiscadores. Ali, recolhem o metal nas ranhuras das suas “escalas” sacudidas em “máquinas” de madeira.

É o caso também da serra de Jacobina, onde milhares de faiscadores, uns semi-profissionais do garimpo, outros lavradores tocados para os píncaros da serra pela sede que acossa o sertão, veem arrancar do seio da terra a comida que ela lhes nega.

A forma de trabalho adapta-se às condições do ambiente e do meio. Em Canavieiras e Itapicurú, ao sul de Jacobina, arranca-se o ouro dos pequenos filões que subiram, nos quartzitos, acompanhando níveis de conglomeratos. Trabalha-se também nos córregos, lavando a terra aurí-



Itapicurú. Níveis de conglomeratos, mergulhando fortemente para leste, são arrancados a explosivo, mistura de clorato e açúcar, reduzidos a pó e bateados.

(Foto Cáper de Sousa)

que o fôlego dos trabalhadores sustente a fuligem dos lampeões de querosene.

Aquí, como em muitos outros garimpos, o que mais admira é a relativa ordem no meio da confusão. Existe um sistema de trabalho, sem dúvida cheio de imperfeições e frequentemente prejudicial à boa exploração mas que, em todo o caso, permite que se juntem e trabalhem lado a lado milhares de homens sem recursos, analfabetos e para os quais leis e regulamentos seriam de todo inacessíveis.

As questões resolvem-se com relativa facilidade, quando não se imiscuem interesses de pequenos influentes locais. Quando se trata dum filão

fera que desce das encostas da serra. O riacho transforma-se numa série de sucessivos lavadouros em que homens e mulheres lavam a terra arenosa em enormes bateias de sucupira ou de cedro.

Trabalha-se também em minúsculos veeiros que, em tôdas as direções, cortam os quartzitos friáveis; em Figuras, em "grunas" de forma caprichosa, onde o homem desce, deitado, arrastando-se sobre os joelhos, sob a ameaça de um teto que se desfaz em areia. Alguns, mais caprichosos no seu trabalho, organizam tanques de lavagem e pequenas oficinas de britagem manual, tal como nos velhos tempos dos senhores coloniais. Nas encostas dos morros, bôcas de serviço escancaram-se perigosamente descendo enquanto o ouro "pinta" e até



Canavieiras, povoação de garimpeiros, próxima de Jacobina, estende-se no fundo de um vale muito trabalhado.

(Foto Cáper de Sousa)



As mulheres auxiliam os garimpeiros no delicado trabalho da lavagem e apuração.

(Foto Cáper de Sousa)

bem definido, como em Maravilha, em Lajedo ou na Guela da Ema — nome que deriva dum antigo costume de guardar o ouro em pó numa guela de ema —, quem dispõe dum pequeno capital, marca o seu serviço em palmos de comprimento. Depois convida alguns homens a trabalhar, fornecendo-lhes ferramenta e algum adiantamento. Os “meeiros” recebem em paga metade do

ouro que extraem.

Refúgio dos miseráveis e dos que vão tentar pequenas fortunas e acabam afeitos ao novo gênero de vida, Maravilha vive esquecida do mundo, perdida na serra a dois passos de uma estrada de ferro, frequentada apenas por uma classe de gente que confia mais no próprio esforço e no destino do que nos compromissos de um trabalho organizado e normal.

Esta sede de ouro e de trabalho livre tem sido o fator preponderante do surto dos nossos garimpos e da nossa produção de ouro. Seria excessivo otimismo confiar na iniciativa do capital brasileiro, e muito menos do capital baiano, para criar qualquer cousa de organizado nestas regiões. Resta-nos a mão de obra anônima, entregue aos seus hábitos seculares, sem capital e sem recursos para arrancar da terra o fruto do labor insano e persistente dos seus pesquisadores. Esta mão de obra recebe, em compensação, a doçura de um clima sem par e o espetáculo sempre variado das escarpas ondulantes de uma serra imensa, que esconde, em múltiplos veios de quartzo aurífero, promessas falazes como a miragem de um imenso deserto.

RESUMÉ

L'ingénieur CÁPÉR DE SOUSA, du Département National de Production Minérale, étudie, dans ce travail, l'exploration de l'or dans la région de Jacobina, état de Baía.

Cette région riche en or, analysée par l'auteur, est située sur une ramification du plateau de Diamantina. Au centre de cette région est située l'agglomération des chercheurs d'or dénommée Maravilha. Cette localité a surgit avec le développement de l'exploration de l'or et l'afflux des chercheurs d'or, elle est formée de maisons très modestes et sa population est plus ou moins instable, exerçant une grande activité pendant le jour et s'amusant d'une manière bruyante pendant la nuit.

Les deux filons en exploitation — couchés et pénétrant dans la montagne, en coupant les roches verticales quartzeuses — sont situés à la base d'une grande escarpe très résistante, que l'érosion a mis à découvert, dans la chaîne de montagnes de Jacobina. L'auteur fait une description géologique de cette chaîne, en faisant ressortir les roches quartzeuses blanches qui plongent presque verticalement dans le sol et les xistes moux.

Le travail de la recherche de l'or, dans la plupart des contrées du Brésil, principalement dans l'état de Minas Gerais, se fait encore d'une manière empirique et pour faire l'extraction de l'or sont encore employées des méthodes primitives. Ce travail est presque toujours réalisé par une population pauvre, qui est attirée actuellement par la hausse du prix de l'or et par la liberté que le Code de Mines a donné aux recherches minéralogiques et se limite au lavage des alluvions des rivières. A Jacobina, où le travail a été adapté aux conditions du milieu ambiant — décrites par l'auteur —, partout, l'exploration des filons se fait de la même manière et ainsi "des milliers de chercheurs d'or, dont quelques uns sont des demi-professionnels, d'autres des laboureurs poussés vers les sommets de la chaîne de montagnes par la soif de l'or que provoque l'intérieur", hommes et femmes sont, malgré leurs humilités, des facteurs importants dans l'essor des placers brésiliens et dans la production de l'or national.

RESUMEN

El ingeniero CÁPÉR DE SOUSA, del Departamento Nacional de la Producción Mineral, estudia, en este artículo, la explotación del oro en la región de Jacobina, Estado de Baía.

La rica zona aurífera analizada por el autor se localiza en una ramificación de la Chapada (meseta) Diamantina. En su centro está situada la aldea de buscadores de oro llamada Maravilla, — pueblo surgido con el desarrollo de la mineración y el aflujo de mineros, de modestas edificaciones y de población más o menos instable, que tiene su vida señalada por intensa actividad durante el día e inquieta alegría a la noche.

Los dos filones que están siendo trabajados — horizontales y penetrando en el monte cortando los quartzitos verticales —, se sitúan en la base de la gran pared resistente, dejada a descubierto por la erosión, en la sierra de Jacobina. El autor hace la descripción geológica de esta sierra, en la cual salienta los quartzitos blancos, que buzan casi verticalmente, y los esquistos blandos.

El trabajo de cosecha del oro, en muchas partes del Brasil, sobre todo en Minas Gerais, es aún empírico y la extracción es hecha por procesos primitivos. Trabajo realizado, casi siempre por la población pobre, que es atraída, actualmente, por la alta del oro y por la libertad dada a las pesquisas mineralógicas por el Código de Minas, se restringe a la busca en los aluviones de los cauces de los ríos. En Jacobina, adaptándose el trabajo a las condiciones del ambiente y del medio — descriptas por el autor —, es idéntica la explotación de los filones, y "millares de mineros, los unos semiprofesionales de la busca del oro, los otros labradores llevados para las cumbres de la sierra por la sed que varre el interior", hombres y mujeres, son a pesar de humildes, factores preponderantes en los ciclos de minería brasileños y en la producción nacional de oro.

RIASSUNTO

L'ingegnere CÁPÉR DE SOUSA, del Dipartimento Nazionale della Produzione Minerale, studia in questo articolo le ricerche dell'oro nella regione di Jacobina, Stato di Baía.

La ricca zona aurífera studiata dall'autore è situata in una ramificazione della Terrazza Diamantina. Nel suo centro si trova il villaggio di cercatori d'oro chiamato Maravilha, — paese sorto con lo sviluppo dell'attività mineraria e con l'afflusso dei cercatori, con costruzioni modeste e popolazione abbastanza instabile, la cui vita è caratterizzata da un'intensa attività di giorno e da un'irrequieta allegria di notte.

I due filoni che sono in corso di sfruttamento, poco inclinati e penetranti nella collina, così che tagliano le quartziti verticali —, si trovano alla base di una grande parete resistente, lasciata scoperta dall'erosione, nella catena di Jacobina. L'autore fa la descrizione geologica di questa catena di montagne, accennando alle quartziti bianche, di sprofondamento quasi verticale, e agli schisti molli.

Il lavoro di ricerca dell'oro, in molte parti del Brasile, specialmente in Minas Gerais, è ancora empirico, e l'estrazione dei metalli è eseguita con metodi primitivi. Il lavoro, compiuto quasi sempre dalla popolazione povera, ora attratta dal rialzo del prezzo dell'oro e dalla libertà

concessa alle ricerche mineraril dal Codice delle Miniere, si limita al lavaggio delle alluvioni dei letti dei fiumi.

A Jacobina, adattandosi l'attività alle condizioni dell'ambiente fisico e sociale — descritto dall'autore —, è analogo a quello di Minas lo sfruttamento dei filoni, e "migliaia di ricercatori, alcuni semi-professionisti, altri contadini spinti su per le montagna dalla sete che tormenta le bassure", uomini e donne, rappresentano un umile, una preponderante fattore dell'espansione che si manifesta nelle ricerche minerarie brasiliane, e nella produzione nazionale dell'oro.

SUMMARY

In this article engineer CÁPÉR DE SOUSA, of the National Department of Mineral Production, studies gold mining in the Jacobina region of the State of Baía.

The rich gold-bearing zone surveyed by the author is located in a ramification of Chapada Diamantina. In its centre there is a settlement of gold seekers called Maravilha, a village developed through the expansion of mining and the influx of miners. The place is of modest constructions having a more or less unstable population, a busy life during day-time and is restlessly gay at night.

The two lodes which are being worked, — both lying along and entering the hill while sectioning the vertical quartzites —, are located on the foot of a large and strong thick wall uncovered by erosion on the Jacobina hill. The author makes the geological description of this hill and points out the white quartzites, these merging almost vertically, and the soft schists.

Placer mining, in many parts of Brazil, mainly in Minas Gerais, is still an empirical process and gold is extracted by primitive methods. The work, which is for the most done by the poorer population now being attracted by the rise of gold and by the liberty given to mineral prospecting under the Code of Mines, is nothing more than a washing in the alluvials of the river beds. In Jacobina, while the work conforms to prevailing environmental conditions which the author describes, the exploitation of the lodes is carried in the same way, and "thousands of miners, some of them semi-professionals of the placers, others farmers driven to the top of the mountains by the thirst hitting the inland regions, men and women, are, in spite of being humble people, predominant factors in the development of Brazilian placers and the national output of gold".

ZUSAMMENFASSUNG

Der Ingenieur CÁPÉR DE SOUSA vom Nationalen Departament für Mineral-Produktion behandelt in seinem Aufsatz die Goldsuche in der Gegend von Jacobina im Staate Baía.

Diese vom Verfasser dargestellte reiche goldhaltige Zone liegt in einer Verzweigung der Chapada Diamantina (Diamantenebene). In ihrem Zentrum befindet sich das Lager der Diamanten — und Goldsucher: Maravilha, schnell aus dem Boden gewachsen seit der Entwicklung der Minenarbeiten und dem Zustrom der Goldsucher. Die Häuser sind bescheiden und ihre Bewohner mehr oder weniger wechselnd. Ihr Leben ist gezeichnet durch anstrengende Arbeit am Tage und zweifelhafte Vergnügungen während der Nacht.

Die beiden Adern, die bearbeitet werden — sie liegen und dringen in den Berg ein, indem sie die vertikalen Quarziten schneiden, befinden sich auf der Grundlage des gewaltigen, widerstehenden Grundfelsens der Serra Jacobina, der durch die Arbeit freigelegt ist. Der Verfasser gibt eine geologische Beschreibung dieser Serra, wobei er die beinahe vertikal abfallenden weissen Quarziten und die weichen Xisten hervorhebt.

Die Goldsucherarbeit wird in vielen Teilen Brasiliens, vor allem in Minas Gerais, immer noch unwissenschaftlich betrieben und das Auswaschen des Goldes geschieht mit recht primitiven Mitteln. Fast immer wird die Arbeit ausgeführt durch die arme Bevölkerung, welche durch den Wert des Goldes und die Freiheiten der Mineraliensuche, welche der Código den Minen zugibt, angezogen werden. Die Arbeit beschränkt sich auf die Suche im Flussschlamm. Auch in Jacobina, wo sich die Arbeit den Bedingungen der Umgebung und der Mittel anpasst — welche vom Verfasser beschrieben werden — ist die Ausbeutung der Adern ebenso. "Tausende von Goldsuchern,

die einen halb-berufliche Diamentensucher, andere Goldwäscher, die durch den quälenden Durst in der Wüste von den Bergspitzen der Serra angezogen wurden" — alle diese Männer und Frauen, sind ungeachtet ihrer Niedrigkeit die vowiegenden Faktoren in der brasilianischen Diamantengewinnung und der Nationalen Goldproduktion.

RESUMO

Ing. CÁPER DE SOUSA, el la Nacia Departamento de Minerala Produktato, studas, en tiu ĉi artikolo, la serĉadon de orbrilfolioj en la regiono Jacobina, ŝtato Baía.

La riĉa orhava regiono analizita de la aŭtoro estas lokita ĉe branĉo de la Diamanta Altebenaĵo. En ĝia centro estas lokita la domareto de oresploristoj, nomata Mirindaĵo, — vilaĝeto aperinta kun la disvolvigo de la minekspluatado kaj la fluo de l' minekspluatistoj, kun modestaj konstruaĵoj kaj loĝantaro pli malpli nestarema, kies vivo estas signita per intensa aktiveco dum la tago kaj malkvieta gajeco dum la nokto.

La du vejnoj nun ekspluatataj, — kuŝantaj kaj trapenetrantaj la monteton, tranĉantaj la vertikalajn kvarcetojn —, estas lokitaj sur la bazo de granda rezista murego, aperinta okaze de erozio, ĉe la montaro Jacobina. La aŭtoro faras la geologiajn priskribon pri tiu ĉi montaro, el kiu li reliefigas la blankajn kvarcetojn, kiuj mergiĝas preskaŭ vertikale, kaj la molajn skistojn.

La orserĉada laborado, en multaj partoj de Brazilo, precipe en ŝtato Minas Gerais, estas ankoraŭ empiriaj kaj la or-elfosaĵo estas farata laŭ primitivaj metodoj. Ĝia laboro, realigita, preskaŭ ĉiam, de la malriĉa loĝantaro, kiu estas allogita, aktuale, de la orkariĝo kaj de la libereco donita de la Kodo pri Minoj al la mineralogiaj serĉesploradoj limiĝas al la serĉado ĉe la riveraj fluejoj. En Jacobina, ĉar la laboro adaptiĝas al la kondiĉoj de l' medio, — priskribitaj de la aŭtoro, — estas identaj al la ekspluatado de la vejnoj, kaj "miloj da orserĉistoj, unuj duonprofesiuloj de la orserĉado, aliaj plugistoj puŝitaj al la montaraĵoj suproj de la soifo, kiu persekutas la internlandon", viroj kaj virinoj, estas, malgraŭ humilaj, decidigaj faktoroj ĉe la apero de la brazilaj orserĉejoj kaj ĉe la nacia orproduktado.